

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E
INSTITUCIONAL**

JULIANA BALDASSO SIQUEIRA

**TRAJETÓRIAS DO TRÁGICO NA ESCUTA A
MULHERES
EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA**

PORTO ALEGRE - RS

2020

JULIANA BALDASSO SIQUEIRA

**TRAJETÓRIAS DO TRÁGICO NA ESCUTA A
MULHERES
EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/RS) como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Psicologia Social e Institucional.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Simone Mainieri Paulon

PORTO ALEGRE - RS

2020

JULIANA BALDASSO SIQUEIRA

**TRAJETÓRIAS DO TRÁGICO NA ESCUTA A
MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Porto Alegre, 14 de janeiro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Simone Mainieri Paulon

(Programa de Pós-graduação em Psicologia Social - UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Michele de Freitas Faria de Vasconcelos

(Programa de Pós-graduação em Psicologia - Universidade Federal de Sergipe)

Prof.^a Dr.^a Carmen Silveira de Oliveira

Prof. Dr. Luis Artur Costa

(Programa de Pós-graduação em Psicologia Social - UFRGS)

**Dedicada a Caê:
um Acontecimento.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ao seu Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional pela possibilidade de ter cursado o mestrado.

À Ocupação de Mulheres Mirabal, que abriu as portas para a pesquisa da qual nasceu esta dissertação.

À Simone, querida orientadora que com toda sua alegria me emprestou as pérolas de seus conhecimentos e me acolheu afetuosamente, abrindo um espaço que não existia *a priori*. Obrigada por sempre enxergar em mim capacidades que eu mesma, por vezes, não percebo.

Aos colegas da pesquisa Cidades & Subjetividade e ao Grupo de Pesquisa-intervenção Intervires, pelas trocas carinhosas e encontros intelectuais/dionisíacos na sala de aula e em meio a festas e florestas. Em especial à Luísa e à Helena, parceiras desta pesquisa-intervenção, sem as quais a mesma não se faria possível.

À Liane, amiga amada, além de professora, que despertou em mim o desejo pela psicanálise e pela política, acreditando que eu poderia experienciar este mestrado.

Às grandes amigas e companheiras de vida: Viviane, Dalila, Roberta, Jéssica, Marcell e Julia; que leram e releram meus escritos durante estes dois anos, e acompanham essa trajetória festejando comigo as vitórias e me acolhendo nas dificuldades.

Ao Norton, que me deu o afeto e a escuta necessária para vivenciar a travessia de meus ressentimentos.

À Marieta, que pacientemente me empresta o corpo para eu seguir construindo, desconstruindo e criando possibilidades de vida em meio a tantas intensidades e loucuras.

Aos meus pais, pela vida.

Às minhas irmãs, Aline e Thais, com que a vida me presenteou e que sigo escolhendo para muito além do sangue.

Ao Maurício, que me ensina que é possível aprender e construir uma relação de afeto e companheirismo.

RESUMO

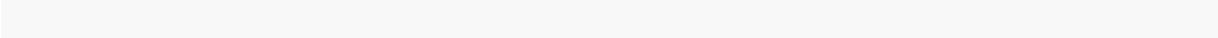
A presente dissertação dedica-se a pensar uma clínica com mulheres em situação de violência pelas lentes da filosofia trágica em articulação com a psicanálise. O trabalho justifica-se diante dos crescentes registros e denúncias de violências de gênero no Brasil, agravadas com a pandemia do SARS-CoV-2. Na última década, o país atingiu o vergonhoso 5º lugar no ranking mundial de feminicídios. A pesquisa se insere em um projeto maior de pesquisa-intervenção intitulado “Experiências Urbanas e Produção do Comum: Modos de Vida e Invenção das Cidades em Tempos de Intolerância”, que investigou experiências coletivas com determinados modos de exclusão operantes na cidade e, no contraponto, na produção de um comum enquanto modo de resistência ao capitalismo contemporâneo. Ao longo de um ano e meio, um percurso metodológico cartográfico foi se delineando a partir de encontros sistemáticos com um grupo de escuta das acolhidas na Ocupação de Mulheres Mirabal, em Porto Alegre. A elaboração de diários de campo pelo grupo de pesquisadoras da cidade, em sua imersão junto às moradoras da Ocupação, foi uma das principais ferramentas que permitiu colocar as trajetórias das mulheres e as implicações das pesquisadoras em análise, a fim de contribuir para que mulheres cujas vidas são marcadas por violências recorrentes possam fazer certa travessia do que lhes causa aprisionamentos.

Palavras-chave: Violência de gênero. Clínica do trágico. Psicanálise. Vontade de potência; Ressentimento.

ABSTRACT

This dissertation is focused on thinking about a clinic with women in situations of violence through the lens of tragic philosophy articulated with psychoanalysis. The work is justified considering the increasing records and reports of gender violence in Brazil, aggravated by the SARS-CoV-2 pandemic. In the last decade, the country has reached the shameful 5th place in the world ranking of femicides. This research is part of a larger research-intervention project entitled “Urban Experiences and Production of the Common: Ways of Life and Invention of Cities in Times of Intolerance”;; which investigates experiences with certain means of exclusion operating in the city and, in counterpoint, the production of a common as a way of resisting contemporary capitalism. Over the course of a year and a half, a cartographic methodological path was outlined from systematic meetings in a listening group for those sheltered at the Occupation of Women Mirabal, in Porto Alegre. The elaboration of field journals by the group of researchers from the larger research-intervention project, in their immersion with the residents of Occupation, was one of the main tools which made it possible to put under analysis the trajectories of women and the implications of the researchers, in order to contribute to the women, whose lives are marked by recurrent violence, so they can make a certain crossing of what causes them imprisonment.

Key words: Gender violence. Clinic of the tragic. Psychoanalysis. Will to power. Resentment.



SUMÁRIO

Nascer Pode Ser Uma Passagem Violenta	10
Sobre Mirar Novas Vidas: a Ocupação Mirabal	21
Movimentos Feministas para Mulheres de Todas as Cores	39
Deslo(u)camentos do Feminino	48
Gênero: Uma Construção Social.....	48
Estas Mulheres Brasileiras Falando no Amor e na Maternidade.....	55
Subjetivação da Mulher Brasileira entre a Sedução e a Vitimização: “Você não passa de uma mulher”.....	65
Uma Cartografia: Quando a Vontade Afirmativa de Vida se Apresenta em um “Não”	79
Por uma Clínica do Trágico: para Além do Ressentimento.....	93
À Guisa de Conclusão: Testemunho Final	121
Referências	124
Discografia.....	135

Nascer Pode Ser Uma Passagem Violenta¹

“Vá, se mande, junte tudo que você puder levar. Ande, tudo que parece seu é bom que agarre já” era a canção traduzida por Caetano e cantada por Gal Costa que entoava em minha mente há semanas (Costa, 2018). Por que essa maldita letra não sai da minha cabeça? Está tomando conta de mim e, após um “plim”, como num passe de mágica, meu corpo estremece, pois algo fez conexão. Estou tomada pela escuta a mulheres em situação de violência. Estou composta por violências experimentadas em meu próprio corpo.

Estagiei em abrigos residenciais há cerca de sete anos, por intensos dois anos. Essa experiência ampliou meu olhar sobre o mundo, possibilitando a compreensão sobre marcadores sociais com que até então eu não havia trabalhado. Adentrei-a de corpo inteiro, descobrindo racismos e preconceitos, encobertos em uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, que também me constituíam. Naquele momento, *juntei tudo que podia, agarrando tudo o que parecia meu* e vim para Porto Alegre, cidade onde fui tomada por profundo encantamento e alegria. A Porto Alegre que a tantos amedronta e entristece me acolhe e me traz, paradoxalmente, segurança. É por isso que sigo engajada em pensar o trabalho da psicologia como um ato político na produção de outras possibilidades. Ao chegar em Porto Alegre, dei continuidade a um percurso itinerante que já havia iniciado em seminários de estudos, transitando entre a Psicanálise e também a Esquizoanálise. Iniciei, assim, uma trajetória na área clínica, com a qual trabalho desde a graduação. Surgiu, então, naquele momento de retrocessos históricos no país, o desejo de encorajar-me a fazer um mestrado em Psicologia Social e Institucional, buscando a articulação com minha prática clínica.

Como integrante do grupo de pesquisa “INTERVIRES – Pesquisa-Intervenção em Saúde Mental, Políticas Públicas e Cuidado em Rede” – que naquele momento debruçava-se

¹ Trecho da canção “Pose (anos 90)”, de Engenheiros do Hawaii, lançada em 1992 pela BMG. Disponível em: <https://youtu.be/4Q3R0eaF07k>

sobre o tema “Experiências urbanas e produção do comum: modos de vida e invenção das cidades em tempos de intolerância” – passei a acompanhar a Ocupação Mirabal, que faz parte do Movimento de Mulheres Olga Benário e visa tornar-se uma casa de referência nacional no acolhimento às mulheres em situação de violência de gênero decorrente da sociedade patriarcal.²

O INTERVIRES vem desenvolvendo estudos que investigam experiências coletivas com determinados modos de exclusão operados na cidade e, no contraponto, na produção de um comum enquanto modo de resistência ao capitalismo contemporâneo. O projeto de pesquisa que originou a presente dissertação de mestrado surge como uma ramificação desta pesquisa matriz.

Na escuta a mulheres em situação de violência, emergem muitas questões de cunho moral, e é necessário que sejamos cuidadosas para manter um posicionamento ético frente às vivências que nos são contadas. Tomo-as como ponto de partida para pensar uma clínica capaz de refletir sobre os paradoxos que se apresentam na construção da vida de tais mulheres; pensar uma clínica que ajude a produzir mais conexões; pensar uma clínica que habite o não saber, sem a pretensão de chegar a algum lugar; pensar uma clínica que colabore para certa travessia de determinados modos de ser.

A experiência de pesquisa-intervenção junto a este grupo de mulheres em situação de violência demanda um aprofundamento tanto nas questões político-conjunturais que resultam na formação de uma Ocupação, quanto em questões teórico-conceituais que possam sustentar uma clínica potencializadora, que não as reduza à condição de vítimas de suas duras histórias de vida. Trata-se, pois, de pôr em análise as conexões que incidem para a produção das muitas

² Sempre que citarmos “*mulheres em situação de violência*” estaremos nos referindo a um aumento expressivo nos índices de violência patriarcal - aqui compreendendo as múltiplas expressões de violência que correspondem à atuação do patriarcado capitalista de supremacia branca, inspiradas em noção estendida, nos termos propostos por Bell Hooks (2017), em *Ensinando a transgredir: a educação como prática libertária* - 2ª ed. WMF Martins Fontes.

violências que as constituem, tais como o machismo, a pobreza e o racismo, inclusive no âmbito da rede de proteção estatal em seu viés vitimizador.

Ao perceber o quanto o próprio sistema muitas vezes força e reforça (macro e micropoliticamente) uma condição de vitimização (judiciário machista, desinvestimento das políticas públicas, intervenções voluntaristas e assistencialistas na Ocupação etc.), procuro ferramentas para questionar tais atuações. Busco então, nos pressupostos da filosofia do trágico, aportes teóricos para a sustentação deste trabalho. Seguindo a trilha proposta por Nietzsche (1992), o trágico seria aceitar a vida com tudo o que ela apresenta, enfrentando-a sem cair num pessimismo que a negue. Viver a vida em sua tragicidade seria a expressão mais nobre da afirmação da vida em sua plenitude, como vontade de potência.

Pensar uma clínica com mulheres em situação de violência pelas lentes da filosofia trágica justifica-se diante dos crescentes registros e denúncias que vêm se avolumando no país. Na última década, o Brasil atingiu o vergonhoso 5º lugar do mundo em número de feminicídios, segundo o Mapa da Violência (FLACSO Brasil, 2015). Sendo assim, o presente trabalho se justifica, entre outras demandas sociais, pelos dados alarmantes de feminicídio em nosso país. Os dados apresentados pela pesquisa apontam que “entre 2003 e 2013, o número de vítimas do sexo feminino passou de 3.937 para 4.762”, representando um aumento de 21%, com 13 feminicídios diários no último ano analisado. As taxas de homicídio das mulheres negras aumentaram 19,5% no mesmo período, subindo de 4,5 para 5,4 homicídios anuais por 100 mil mulheres negras. Conforme publicado pela Gaúcha ZH em 2018³, a Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (DEAM) registrou naquele ano 7.028 casos de violência doméstica em Porto Alegre, o que equivale a uma média de 32 casos por dia. A Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Sul (<https://www.ssp.rs.gov.br/indicadores-da-violencia-contra-a-mulher>) revela que, em 2019, os casos formalizados em boletins de ocorrência (BO)

³ Matéria disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2018/08/um-caso-de-violencia-contra-mulher-e-registrado-pela-policia-a-cada-45-minutos-em-porto-alegre-cjkiku6bt010g01muozn35hfl.html>

no estado chegaram a 37.381 denúncias de ameaças, 20.989 casos de lesão corporal, 1.714 estupro, 97 feminicídios consumados e 359 tentativas de feminicídio, sendo que Porto Alegre é o município com a maior quantidade de denúncias referentes a tentativas e feminicídios consumados.

Um estudo feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o Atlas da Violência de 2019, aponta que em 2017 o índice de mortes de mulheres no Brasil chegou a 4,7 assassinatos a cada 100 mil habitantes, verificando que 13 mulheres são assassinadas por dia no país (Cerqueira et al., 2019). As mulheres negras totalizam 64% das vítimas, o que demonstra o quão racializada é esta violência. Ainda que não se possa ter precisão sobre os casos de feminicídio, o Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATASUS) de 1996 a 2016 demonstra que 30% das mulheres foram assassinadas em contexto residencial, enquanto entre homens este número cai para 11%. As vítimas do sexo masculino morreram mais em via pública (46%), espaço no qual 29% das mulheres foram mortas.

Ainda em 2019, uma pesquisa realizada pelo Datafolha revelou que 536 mulheres foram vítimas de agressão física a cada hora em 2018; 4,6 milhões foram tocadas ou agredidas fisicamente por motivos sexuais, o que representa 9 por minuto em 2018; 12,5 milhões foram vítimas de ofensa verbal, como insulto, humilhação ou xingamento; 1,7 milhões foram ameaçadas com faca ou arma de fogo; 1,6 milhões sofreram espancamento ou tentativa de estrangulamento, ou seja, 3 por minuto; 22 milhões passaram por algum tipo de assédio; e as mulheres negras foram as principais vítimas de violência (Bueno et al., 2019).

Fica evidente que a estrutura da violência de gênero no Brasil é marcada pela questão racial. A promoção de políticas públicas para mulheres em situação de violência nos últimos anos vem tendo alguns resultados positivos, sinalizando queda geral da violência contra as mulheres, porém, seguem mostrando-se incapazes de efetivar mudanças na vida das mulheres

negras. O sistema capitalista vitimiza e objetifica corpos de forma muito desigual, selecionando alguns – mulheres mais do que homens e negras mais do que brancas – para tornar ainda mais vulneráveis e passíveis de serem violentados. O racismo limita o acesso aos escassos equipamentos públicos, como também ao mercado de trabalho, lançando as mulheres negras a condições muito inseguras (Mustafa & Tommasi, 2018).

Acrescenta-se a isso o fato de que nos encontramos desde março deste ano vivenciando uma pandemia mundial pela Covid-19, que demanda o isolamento social como medida de proteção à vida. Tal contexto aumentou significativamente os dados de violência contra a mulher, em decorrência de as mulheres necessitarem ficar em confinamento com seus parceiros e filhos. Segundo o relatório da pesquisa *SEM PARAR: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia* (Bianconi et al., 2020), durante este período as mulheres que sofrem violência têm encontrado mais dificuldades em fazer denúncias, por passarem mais tempo com o agressor, e também pela redução do tempo de trabalho dos próprios órgãos que atendem essa população. A pesquisa ainda aponta que:

Quando perguntadas sobre suas percepções, 91,2% das mulheres acreditam que a violência doméstica aumenta ou se intensifica durante o período de isolamento social. Quando perguntadas sobre suas experiências pessoais, no entanto, apenas 8,4% das mulheres afirmaram ter sofrido alguma forma de violência no período de isolamento. Esse percentual aumenta entre as mulheres nas faixas de renda mais baixa (12,7% entre as mulheres com renda de até 1 salário mínimo) e é também maior entre as mulheres rurais (11,7%). (p. 42)

Sendo assim, as mulheres mais prejudicadas são as negras e pobres que, neste momento, encontram-se sem muita alternativa de como lidar com a situação, pois além da violência doméstica, ainda a elas fica encarregado todo o fardo de cuidar dos filhos e dos afazeres da casa.

Deste modo, percebe-se que a violência de gênero não é uma dicotomia entre homem agressor *versus* mulher vítima, mas sim um processo co-engendrado das relações de poder que sustentam o Brasil desde a colonização. Dentro de tais relações há diversas dimensões que se conjugam e constroem formas de subjetivação que impedem as mulheres de entenderem e reconhecerem a violência pela qual passam, pois os processos de subjugação das mulheres são estruturais em nossa sociedade.

Soma-se a isso um desinvestimento progressivo em políticas públicas, que amplia a demanda por Ocupações para mulheres em situação de violência (a maioria negra, periférica e com baixo grau de escolaridade), espaços com poucos recursos e alta informalidade. Mulheres com ensino superior nas Ocupações são, em sua maioria, brancas, e tendem a estar envolvidas com o movimento feminista, ocupando posições de militância e de coordenação desses lugares (Marcondes et al., 2013). Desta maneira, o trabalho dentro da Ocupação Mirabal tem nos levado a pensar uma clínica que coloque em questão os valores morais vigentes nas trajetórias trágicas de vida das mulheres acolhidas.

Através de nossa experiência nos encontros com as acolhidas, sentimos a necessidade de pensar uma clínica que possibilite uma escuta para além do ressentimento que mulheres em situação de violência, por vezes, experienciam. Um percurso metodológico cartográfico, assim, foi sendo delineado nos encontros sistemáticos com um grupo de acolhidas, ao longo de mais de um ano e meio de acompanhamento na Ocupação Mirabal.

Para desdobrar esse percurso, após este capítulo introdutório, o texto será aberto com uma narrativa ficcional de minha autoria. Como sugerem Bottoni & Costa (2018), a aposta aqui é na ficção cartográfica como modo de narrar a vida e a pesquisa, que operam um posicionamento ético baseado nos conceitos de procura humilde (inspirado em Lispector) e de força frágil (inspirado em Nietzsche). Os autores entendem que a procura humilde nos tira do ideal sobre concepções essencialistas referentes à vida. Desta forma, a procura humilde incita

uma busca sempre parcial e, por isso mesmo, potente em sua insignificância. Cito aqui Manoel de Barros (2013), poeta tão rico de “pobrezas”:

Aprendo mais com abelhas do que com aeroplanos
É um olhar para baixo que eu nasci tendo
É um olhar para o ser menor, para o
insignificante que eu me criei tendo.
O ser que na sociedade é chutado como uma barata
cresce de importância para o meu olho
Ainda não aprendi por que herdei esse olhar para baixo
Sempre imagino que venha de ancestralidades machucadas
Fui criado no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão
Antes que das coisas celestiais
Pessoas pertencidas de abandono me comovem:
tanto quanto as soberbas coisas ínfimas (p.12)

A força frágil, por sua vez, é aquela que não deixa de se afirmar independentemente da sua impossibilidade de verdade final e total. Assim, a narrativa ficcional que abre esta dissertação tem como intuito colocar em cena a mistura de narrativas que venho escutando no campo de pesquisa, sem buscar uma verdade sobre os fatos e atravessada pelo meu olhar de pesquisadora branca, acadêmica, de classe média, e vinda do interior.

Nessa composição da academia com o campo, vim aprendendo que a potência da intervenção está na força frágil de uma humilde procura. A clínica se aprende e emerge do campo e não está dada de antemão, *a priori* aos encontros que a produzem. Mas como sustentar uma intervenção com esses pressupostos? Como não se deixar tomar pela fragilidade nesse contexto de horror, em que se misturam cuidado, amor e raiva? Como não se deixar embriagar pelo ativismo acadêmico ou social e manter a necessária sobriedade diante das feridas abertas?

O segundo capítulo versará sobre a história da Ocupação de Mulheres Mirabal, desde o surgimento do Movimento Olga Benário, consolidando três grandes Ocupações no Brasil. Será traçada uma linha do tempo que levará desde as irmãs Mirabal até a situação em que a Ocupação Mirabal se encontra atualmente. Também apresentaremos fragmentos das vivências do campo nos quais conseguimos identificar uma produção do comum.

O terceiro capítulo será dedicado a fazer uma retrospectiva histórica sobre os movimentos feministas *para Mulheres de Todas as Cores*.

No capítulo seguinte, abordaremos os *Deslo(u)camentos do Feminino*, com as subseções intituladas *Gênero: uma construção social*; *Estas mulheres brasileiras falando no amor e na maternidade*; e *Subjetivação da mulher brasileira entre a sedução e a vitimização: “Você não passa de uma mulher”*, que apresenta um estudo da subjetivação feminina, além da questão da vitimização que nos levará ao nosso problema de pesquisa.

O quinto capítulo, intitulado *Uma Cartografia: Quando a Vontade Afirmativa de Vida se Apresenta em um “Não”*, abordará a metodologia utilizada para a construção da dissertação.

Por fim, discutiremos a possibilidade de uma Clínica do Trágico que se proponha a uma escuta para além do bem e do mal, buscando refletir sobre como tal perspectiva clínica pode contribuir para que mulheres com uma vida marcada por violências recorrentes possam fazer certa travessia do que lhes causa determinados aprisionamentos. A proposta, portanto, é olhar o sofrimento de mulheres acolhidas em uma Ocupação para pensar a clínica pelas lentes da vontade de potência.